

## **GUERRA E DISCIPLINA NO BAIXO IMPÉRIO: A FORMAÇÃO DO SOLDADO ROMANO SEGUNDO O TESTEMUNHO DE VEGÉCIO.**

Gilvan Ventura da Silva - UFES

O Baixo Império é um período da História de Roma marcado por um conjunto de transformações de ampla envergadura que redefinem todo o perfil da assim denominada Civilização Clássica, quer em termos sociais, religiosos, econômicos, culturais e políticos. No que diz respeito às inovações de natureza política, é preciso isolar, de um modo bastante específico, as alterações que se produzem no exército imperial, que passa por uma reformulação significativa no contexto da Anarquia Militar (235-284). Nesse sentido, Galieno cumpre um papel importante ao afastar do comando dos exércitos imperiais a elite senatorial e os membros da ordem eqüestre, favorecendo assim a ascensão dos militares de carreira aos postos mais graduados do exército.<sup>1</sup> Com isso, os militares, de coadjuvantes que eram, se tornarão protagonistas da política imperial, razão pela qual diversos imperadores desde então serão oriundos das fileiras do exército. Galieno, no entanto, confrontado com os germanos no *limes* e com as investidas da Pérsia Sassânida no Oriente, o que lhe custa inclusive a vida do pai, Valeriano, não tem condições de prosseguir com as reformas militares necessárias naquele momento, cabendo a Diocleciano e Constantino empreender a reestruturação do exército a fim de fazer frente ao conjunto de problemas internos e externos próprios da sociedade romana no alvorecer do século IV.

Diocleciano, de fato, toma uma providência significativa com relação ao exército, aumentando o número das legiões de trinta e nove para sessenta, o que levou à ampliação do efetivo de homens recrutáveis de 350 para cerca de 500 mil.<sup>2</sup> Para tanto, estende a conscrição às populações rurais, impondo aos proprietários fundiários a obrigação de fornecer recrutas, havendo a possibilidade de substituir-se o envio do camponês pelo pagamento de certa quantia em ouro (o *aurum tironicum*).

Além disso, Diocleciano realiza uma separação inédita entre as carreiras civil e militar, de maneira que a maioria dos governadores ficou privada das prerrogativas de comando que possuíam. As tropas permaneciam, como outrora, estacionadas ao longo do *limes*, onde passaram a ser auxiliadas por unidades de cavalaria e de infantaria (*alae*, *cohortes* e *vexillationes*), caracterizando assim uma continuação da antiga tática de segurança impeditiva fundada no sistema de fronteiras firmemente protegidas. O comando das tropas e a manutenção das fortificações nas fronteiras de cada província cabiam ordinariamente ao *dux*, ao passo que os governadores deveriam tão somente auxiliar no abastecimento e deslocamento das tropas. Além disso, Diocleciano organizou, em torno dos imperadores, um destacamento especial, o *comitatus*, que poderia ser empregado para diversos fins, conforme as necessidades da estratégia imperial.<sup>3</sup>

Entre 312 e 315, com Constantino, opera-se a principal reforma do exército no Baixo Império: a organização de um grande contingente móvel de campanha, estacionado em posição central e pronto para intervir em um ponto ou outro do território. Para tanto, uma parte das legiões e das *vexillationes* foram retiradas das fronteiras para compor um destacamento de campanha denominado *comitatus*. As tropas que permaneceram estacionadas no *limes* (ditas *limitanei* ou *ripenses*) eram em geral auxiliares e foram consideradas de categoria secundária diante dos *comitatenses*. Constantino reorganiza ainda a hierarquia do exército aos moldes da burocracia civil.<sup>4</sup> Os chefes militares passam então a depender diretamente dos *duces* provinciais, os quais eram subordinados aos *comites* militares da diocese. No ápice da hierarquia, os generalíssimos não eram mais os prefeitos do pretório ou os vicários, mas duas novas personagens: o *magister equitum* e o *magister peditum*. A existência de ambos os cargos é atestada pela primeira vez após a morte de Constantino, mas tudo leva a crer que sua criação remonta ao governo deste imperador.

Com o passar do tempo, no entanto, as tropas de fronteira (*limitanei* e *ripenses*) se tornam cada vez mais obsoletas, ao passo que se esperava que os

*comitatenses* decidissem todos os confrontos, o que resultou num decréscimo da força combatente total do Império Romano, muito embora o efetivo militar tivesse sido aumentado. O aspecto mais desfavorável da reforma de Constantino foi ter solapado a infantaria romana em prol das unidades de cavalaria. Uma outra particularidade significativa acerca do exército no Baixo Império é a presença cada vez mais freqüente de bárbaros nas suas fileiras, configurando assim aquilo que se define, amiúde, como “barbarização”, fenômeno que se afirma definitivamente sob o governo de Teodósio, quando as “tropas confederadas” combatiam segundo a sua própria estratégia e comando, prescindindo assim do treinamento e da disciplina característicos do exército romano. Considerada por alguns autores um indicativo da queda de complexidade social do Império Romano, a barbarização conduz a uma divisão no corpo do exército: de um lado, há um contingente cada vez menor de soldados que receberam treinamento militar romano e que desempenhavam com eficiência seu papel na infantaria.<sup>5</sup> De outro, há um conjunto de cavaleiros bárbaros que não seguiam os padrões da tática e da disciplina romanas, obedecendo a seus próprios generais. O resultado é um descompasso na composição do exército que prejudica o seu desempenho como um todo, sem levar em consideração o fato de que a heterogeneidade étnica enfraquecia sobremaneira a identidade da própria corporação.

É nesse contexto que Flávio Vegécio Renato elabora seu compêndio sobre a arte da guerra intitulado *De re militari*, texto escrito entre 383 e 450.<sup>6</sup> A obra faz parte de um gênero literário próprio da Antigüidade romana, que teve em Enéias Tático, Frontino e Arriano notáveis expoentes. Acerca da biografia do autor, infelizmente não dispomos de muitas informações, sendo provável que tenha sido um assessor financeiro na corte de Teodósio. O compêndio visa a descrever os princípios de conscrição, treinamento, estratégia e táticas militares da legião romana, sendo dividido em cinco livros. O autor escreve por determinação de um imperador, provavelmente Valentiniano II, com a finalidade de reiterar os costumes do passado no tocante ao recrutamento e adestramento dos soldados e, desse modo, colocar à disposição do

soberano as respostas aos grandes problemas militares de sua época (*De re mil.* I). Sabemos que Vegécio era cristão, uma vez que na abertura da obra já afirma que “uma empresa, seja ela qual for, deixa de ter significado caso não se refira a Deus e não goze do beneplácito do imperador” (*De re mil.* I). No entanto, em sua concepção a vitória militar decorre não apenas da fé numa divindade excelsa e onipotente, mas da instrução e da disciplina. A grande preocupação de Vegécio é reabilitar o exército romano, especialmente a infantaria, de maneira a fazer frente com eficiência à ameaça bárbara, que havia se tornado onipresente.

Com a finalidade de restaurar a excelência da infantaria romana, Vegécio dedica especial atenção à formação e à disciplina do recruta romano. Logo de início (I,3), recomenda que o recrutamento seja feito preferencialmente entre as *gentes rusticae*, isto é, a população rural, uma vez que esta era “capaz de suportar a ardência do sol sem buscar o alívio da sombra, era ignorante dos banhos, desajeitada à preguiça, de alma chã, contente com o pouco que come, de corpo coriáceo mercê das fadigas, que na labuta do campo aprendeu a manejar o ferro, a escavar fossos e a transportar fardos pesados”. Além da procedência, outro critério empregado por Vegécio para o recrutamento é o ofício do futuro soldado. Segundo o autor, não são aptos para o serviço “os pescadores, os passarinhos, os pasteleiros, os tecelões e todos aqueles que praticam ofícios geralmente reservados às mulheres. Já os ferreiros, os carpinteiros, os açougueiros, os caçadores de cervos e javalis são úteis ao exército, pois a prosperidade do Estado se funda na escolha de soldados não só rijos de corpo, mas também firmes de ânimo” (I,7).

Vegécio acredita que o treinamento dos recrutas deva coincidir com o início da puberdade na medida em que os mais jovens aprendem com mais facilidade, ao mesmo tempo em que apresentam uma agilidade física maior, necessária ao salto e à corrida (I,4). No recrutamento, é decisiva a aparência física do candidato, que deve ter “olhos vivazes, peito ereto, tórax largo, ombros possantes, braços musculosos, dedos compridos, ventre chato, pernas esbeltas e pés magros, porém de nervos rijos”.

Satisfeitas essas qualidades, dispensa-se a exigência de que o recruta apresente uma estatura elevada, “pois é melhor que os soldados sejam fortes do que altos” (I,6). A aparência física, no entanto, não é suficiente para determinar se o indivíduo tem ou não condições de se tornar um bom soldado, pois alguns, muito embora “pareçam bem-dotados, se revelam inaptos” (I,8). Desse modo, na inscrição dos recrutas deve ser realizado um exame preliminar com a finalidade de averiguar se o candidato apresenta um conjunto de habilidades indispensáveis ao ofício, tais como agilidade, vigor físico, tendência para a disciplina militar e consciência íntima da própria condição.

Satisfeitos esses requisitos, os recrutas devem ser adestrados com exercícios variados e contínuos. O primeiro conjunto de exercícios descritos por Vegécio diz respeito ao deslocamento dos soldados, pois disso depende que o exército prossiga seu caminho sem deter-se. De início, o recruta deve ser treinado no passo militar a fim de preservar a ordem nas fileiras. Em segundo lugar, temos a cadência militar, devendo a companhia perfazer cinco mil passos em cinco horas. Já a corrida é obrigatória para os mais jovens, pois dependerão dela para se lançarem contra o inimigo com maior ímpeto e para ocupar rapidamente um território. Também é necessário que os recrutas treinem o salto segundo a técnica de ultrapassar fossos e demais obstáculos (I,9). O deslocamento no rio ou no mar é igualmente importante para os soldados, razão pela qual devem aprender a nadar para fugir ou perseguir (I,10). Em seguida, eram introduzidos exercícios com vistas a tornar os conscritos hábeis no combate como, por exemplo, o ato de golpear um poste, simulacro do adversário; o treino para golpear de ponta e não de gume; o domínio da esgrima (considerada o principal recurso à disposição do soldado); o arremesso da lança; o manejo do arco e flecha; o arremesso de pedras com as mãos e com a funda e o manejo dos dardos chumbados (I,11-17). Os soldados deveriam também aprender a cavalgar e a marchar carregando pesos de até 20 kg. Vegécio recomenda ainda que se preste uma atenção especial à disposição dos soldados no campo de batalha uma

vez que os aglomerados irregulares não favorecem o combate, deixando o exército à mercê dos inimigos. Desse modo, os soldados devem ser adestrados a formar uma linha simples, uma linha dupla, um quadrado, um triângulo e um círculo, conforme as necessidades táticas do momento (I,26).

As recomendações de Vegécio ao imperador acerca do treinamento dos soldados nos revela uma preocupação contínua com a *eunomia*, a boa ordem do Estado romano do IV século. De fato, segundo o autor, nenhuma organização política é “mais sólida, mais afortunada e mais louvável que um Estado (*Res Publica*) onde abundam homens bem treinados” (I,13). Ainda na opinião de Vegécio, o ócio fez com que os romanos abandonassem as antigas instruções concernentes ao adestramento militar, razão pela qual era necessário retomar o treinamento dos mais jovens, “pois é mais útil e louvável instruir nas armas soldados próprios que recorrer a mercenários estrangeiros” (I,28). Com o seu compêndio militar, Vegécio acentua então a necessidade que o Estado romano do Baixo Império invista naquilo que poderíamos definir como *disciplina*, ou seja, um conjunto de atividades que, exercidas sobre o corpo, produzem um aumento das potencialidades do indivíduo em detrimento da sua capacidade de resistência ao comando, como podemos constatar em instituições escolares e, de modo, muito particular, na organização militar. Ainda que a constituição das “disciplinas” como fórmulas gerais de dominação remontem ao séculos XVII e XVIII, os processos disciplinares são muito mais antigos.<sup>7</sup> No caso da Antigüidade, o exército é, sem dúvida, um espaço privilegiado para que possamos captar a maneira pela qual o poder ordena, esquadrinha e forja o corpo humano, tornando-o uma célula adequada ao pleno funcionamento do Estado. Na realidade, todo o adestramento imputado ao soldado visa a produzir a estabilidade política pois, segundo Vegécio (I,13), “nem a graça das roupas, nem o brilho do ouro e da prata, nem o esplendor das pedras preciosas podem manter em respeito nossos inimigos, que só se submetem pelo medo das armas”. Aqui, Vegécio reconhece que todo o aparato simbólico do poder imperial do seu tempo não é suficiente para garantir a

perpetuação da *Res Publica*, o que só será alcançado mediante uma demonstração cabal de força. Para tanto, a disciplina no treinamento do exército, o controle metódico e preciso do corpo de cada um dos recrutas e o seu posicionamento adequado dentro da formação militar se tornam condições imprescindíveis para a sobrevivência do próprio Império Romano.

---

<sup>1</sup> CHRISTOL, M. L'État romain et la crise de l'Empire. *L'information historique*, Paris, v. 44, n. 4, p. 156-63, 1982.

<sup>2</sup> FERRIL, A. *A queda do Império Romano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 36.

<sup>3</sup> CHASTAGNOL, A. *L'évolution politique, sociale et économique du monde romain*. Paris: Sedes, 1982, p. 257-8.

<sup>4</sup> JONES, A. H. M. *Le declin du monde antique*. Paris: Sirey, 1979, p. 204.

<sup>5</sup> MENDES, N. M. *Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 205-6.

<sup>6</sup> Na realização deste trabalho, utilizamos as seguintes traduções da obra de Vegécio: *Les institutions militaires*. In: NISARD, M. (Org.) *Ammien Marcellin, Jornandes, Frontin, Végèce, Modestus*. Paris: Firmin Didot Frères, 1869. e *A arte militar*. São Paulo: Paumape, s/d.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 118.